O RITUAL DOS PASTORES

MEMÓRIAS DE UM HOMOSSEXUAL NA INFÂNCIA

ROMANCE

O RITUAL DOS PASTORES

MEMÓRIAS DE UM HOMOSSEXUAL NA INFÂNCIA

ROMANCE

FERNANDO CACCIATORE DE GARCIA

Editora Sulina

© Fernando Cacciatore de Garcia, 2011

Capa:
Vinícius Xavier
Foto da capa:
Fleury Esteves (Porto Alegre, beira do Guaíba, abril de 1952)

Projeto gráfico e editoração:
Vânia Möller

Revisão:
Mariane Farias

Editor:
Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável:
Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

G216r Garcia, Fernando Cacciatore de.
O Ritual dos Pastores: Memórias de um Homossexual na Infância / Fernando Cacciatore de Garcia. – Porto Alegre: Sulina, 2011.
263 p.

ISBN: 978-85-205-0605-9

1. Literatura Brasileira – Romance. 2. Romance Brasileiro I. Título.

CDD: 869.3B
CDU: 869.0(81)-31

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax:(0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Abril/2011}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

em memória de
Luíza Rosenblat

SUMÁRIO

Apresentação 9
Apreciação 13

PRIMEIRA PARTE
Advertência 19
Início da infância no Sul 21
Na Serra 21
Nossa rua e nosso rio 23
Minha madrinha e meu nome 31
O Banya 43
O bandido 51
O apaixonado 58
Em frente ao espelho 70
O salto da canoa 79
O ritual dos pastores 84
As curas da rua 94
Minha mãe 102
A guerra contra os Rubinis 109
Tudo passa? 114
Meu pai 119
Os campos perdidos 131
Minha avó 141
Minhas alegrias de menino 154
A ida para o Rio de Janeiro 164
Minha doce tia 170

SEGUNDA PARTE

Fim da infância no Rio de Janeiro 179
Espaço limitado 179
No Palácio do Catete 184
Os Nunes do Rio de Janeiro 188
No Rio colonial 195
A Morte e o inquisidor 208
Giancarlo, Johnny e o Nicolau 220
As balas de leite da Kopenhagen 232
A Branca de Neve 242
No cadeiral da Candelária 249
O fim da infância 257

CODA 262

APRESENTAÇÃO

Rafael Bán Jacobsen[1]

Há duas coisas essenciais que devem ser ditas sobre o romance *O Ritual dos Pastores*, de Fernando Cacciatore de Garcia. A primeira é que se trata de uma obra de fôlego. A segunda é que é também um livro corajoso.

Em tom memorialista, Rodrigo, o protagonista-narrador, conta sua trajetória de vida, destacando o período da infância, passada no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Oriundo de tradicionais e poderosas famílias brasileiras, o protagonista nasce e cresce em ambiente invulgar, tendo, desde muito cedo, contato com as altas esferas culturais, sociais e políticas de nosso país. Ao resgatar não apenas as próprias reminiscências, mas também as de toda sua elitizada família, Guigo, como fora apelidado Rodrigo ainda em tenra idade, acaba por resgatar uma série de episódios históricos, traçando um verdadeiro panorama da História do Brasil desde o período colonial até meados do século XX. Eis aí a razão para se afirmar que a obra possui fôlego: desdobrando-se entre os sentimentos pessoais, a realidade familiar externa e o passado remoto que, por peculiares caminhos, moldou a situação de vida e os conflitos do lar atual, Guigo cumpre uma verdadeira maratona narrativa, transitando com naturalidade e destreza entre um nível e outro do texto. Os dilemas íntimos, os conflitos familiares e o pano de fundo histórico fundem-se de maneira tão exata que, por vezes, é difícil dizer onde uma temática termina e onde começa a outra. Talvez porque tais fronteiras, de fato, não existam: Guigo surge como a síntese de tudo aquilo que constitui o homem –

[1] Físico, escritor e músico.

sua herança de gerações e gerações, o lar em que é educado e as idiossincrasias quase inescrutáveis. No plano histórico, destaca-se o resgate da tradicional família da mãe de Rodrigo, os Nunes, cujas origens remontam ao século XVIII, com açorianos enriquecidos com trigo, gado, charque e comércio de escravos e que, mais tarde, no Segundo Reinado, foram contemplados com títulos de nobreza. A saga se desenrola, conduzindo o leitor sem pressa para o cenário do declínio dos Nunes: não um declínio financeiro, mas muito mais uma supressão quase voluntária do antigo prestígio político:

> [...] à medida que os negócios assumiam essa feição internacional, foi deixada de lado a preocupação com os aspectos políticos e sociais que caracterizara a atuação dos Nunes na vida do país até os anos 50.

Tal cenário se desenha e faz-se simbolizar, no final do livro, com a presença da morte a anunciar o fim de uma era para os Nunes e, concomitantemente, o ocaso da infância de Guigo:

> Três semanas depois de eu sentir-me um infante afortunado no cadeiral da Candelária, na missa pela morte do velho patriarca dos Nunes, completei doze anos. As aulas se encerrariam logo depois. Para coroar o ano letivo, estávamos em pleno campeonato dos times de futebol das escolas de Ipanema e do Leblon.

E é durante esse campeonato que Guigo, subitamente excitado, recolhe-se ao interior do ônibus que havia levado os alunos ao campo e lá, solitário, descobre o prazer sexual. Tal cena, que tudo teria para soar agressiva ou mesmo grotesca, em nada choca, tanto pela força metafórica que carrega, justapondo Eros e Tânatos de forma *sui generis*, quanto pelo requinte e pela delicadeza do narrador, sempre perspicaz, direto e claro e, simultaneamente, erudito e sutil.

Chegamos, então, à questão da coragem do livro. Já dizia Clarice Lispector que "quem não tem coragem não serve para escrever". E, sem dúvida, Fernando Cacciatore de Garcia é um autor corajoso. Ao criar o jovem Rodrigo, que, desde cedo, descobre-se homossexual, o escritor não teve medo de enfrentar tabus. Ao penetrar nos recônditos da mente de Guigo, o leitor, repetidas vezes,

vê-se confrontado com a questão da gênese da homossexualidade, muito embora o livro não busque exatamente elucidá-la. Muito menos busca "culpados". Assim reflete Guigo, já maduro:

> [...] não posso atribuir minha condição de homossexual a qualquer fato de minha vida, nem aos outros pelo fato de sê-lo. Fui eu mesmo quem traçou meu destino, cujas coordenadas, contudo, não posso até hoje entender como foram determinadas.

Tal assertiva é um ato de superação e, por conseguinte, de redenção, dado que Guigo, para articular com tamanha lucidez essa conclusão, teve de, em certa medida, relevar os abusos sexuais sofridos e a pressão psicológica e social a que um menino "diferente" se vê submetido. Relevar sem, porém, esquecer, pois eis que as memórias estão todas ali, desnudas, vivas, palpitantes, tanto para o personagem-narrador quanto para o leitor que se dispuser a acompanhar sua inesquecível trajetória.

Seria, então, o romance *O Ritual dos Pastores* sobre as memórias de um homossexual na infância ou sobre as memórias de uma elite envelhecida? A pergunta, em si, é desimportante, pois é quase redutora. O livro possui ambas as facetas; contudo, vai mais além: trata-se de um relato vívido de tudo aquilo que é matéria humana, essa condição múltipla em si, como, nas palavras do próprio autor, os "infinitos reflexos nos espelhos que se enfrentam".

Porto Alegre, 1º de novembro de 2009.